

Obras de

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

— A continuação de *O Meu Pé de Laranja Lima* —

VAMOS AQUECER o SOL



Para
D. Antonietta Rudge
Ciccillo Matarazzo
Luizinho Bezerra
e Wagner Felipe de Souza Weidebach, o amigão.
E ainda
Joaquim Carlos de Mello

Ce ne sont pas seulement les liens du sang qui forment la parenté, mais ceux du coeur et de l'intelligence.

Montesquieu

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE MAURICE E EU

Primeiro capítulo: A metamorfose	11
Segundo capítulo: Paul Louis Fayolle	22
Terceiro capítulo: Maurice	32
Quarto capítulo: Risada de galinha	45
Quinto capítulo: Sonhar	60
Sexto capítulo: Vamos aquecer o Sol	77
Sétimo capítulo: O adeus de Joãozinho	90

SEGUNDA PARTE A HORA DELE: O DIABO

Primeiro capítulo: A demorada decisão	107
Segundo capítulo: O doer de uma injustiça	120
Terceiro capítulo: Coração de criança esquece, não perdoa	133

Quarto capítulo: O cação e a fracassada guerra das bolachas	147
Quinto capítulo: Tarzã, o filho dos telhados	174

TERCEIRA PARTE O MEU SAPO-CURURU

Primeiro capítulo: A casa nova, a garagem e Dona Sevérua	201
Segundo capítulo: A mata de Manuel Machado	223
Terceiro capítulo: Meu coração chamava-se Adão	243
Quarto capítulo: Amor	257
Quinto capítulo: Piranha do Amor Divino	267
Sexto capítulo: A estrela, o navio e a saudade	277
Sétimo capítulo: Partir	286
Oitavo capítulo: A viagem	298
Último capítulo: O meu sapo-cururu	310

PRIMEIRA PARTE

Maurice e eu

PRIMEIRO CAPÍTULO

A metamorfose

De repente, não existia mais escuro nos meus olhos. O meu coração de onze anos se agitou no peito amedrontado.

— Meu São Jesus do carneirinho nas costas, ajudai-me!

A luz crescia mais. E mais. E quanto mais crescia, o medo aumentava a tal ponto que, se eu quisesse gritar, não conseguiria.

Todo mundo dormia calmamente. Todos os quartos fechados respiravam o silêncio.

Sentei-me na cama apoiando minhas costas à parede. Meus olhos arregalavam-se, quase saltando das órbitas.

Queria rezar, invocar todos os meus santos protetores, mas nem sequer o nome de Nossa Senhora de Lourdes escapava dos meus lábios. Devia ser o diabo. O diabo com que me amedrontavam tanto. Mas, se fosse ele, a luz não

seria na cor da lâmpada, e sim de fogo e sangue, e haveria por certo o cheiro de enxofre. Nem sequer poderia chamar em socorro o Irmão Feliciano, o Fayolle querido. Fayolle nessa hora deveria estar no terceiro sono, roncando bondade e paz, lá no Colégio Marista.

Uma voz soou macia e humilde:

— Não se assuste, meu filho. Só vim para ajudá-lo.

O coração batia agora contra a parede e a voz saiu fina e medrosa como o canto primeiro de um galinho.

— Quem é você? Alma do outro mundo?

— Não, tolinho.

E uma risada bondosa repercutiu pelo quarto.

— Vou fazer mais luz, mas não se assuste que nada de mal poderá acontecer.

Disse um sim indeciso, mas fechei os olhos.

— Assim não vale, amigo. Pode abri-los.

Arrisquei um, depois o outro. O quarto tinha adquirido uma luz branca tão bonita que pensei ter morrido e me encontrar no paraíso. Mas isso era impossível. Todo mundo em casa dizia que o céu não era para o meu bico. Gente como eu ia direitinho pras caldeiras do inferno virar espetinho.

— Olhe pra mim. Sou feio, mas meus olhos só inspiram confiança e bondade.

— Onde?

— Aqui, ao pé da cama.

Fui-me aproximando da beira e criei coragem para olhar. O que vi me encheu de pânico. Fiquei tão horrorizado que um frio perpassou-me a alma inteira como se fosse um zíper. Retornei tremendo à posição anterior.

— Assim não, meu filho. Eu sei que sou muito feio. Mas, se você tem tanto pavor, vou-me embora sem ajudar.

Sua voz se transmudara numa súplica que resolvi conter-me. Mas foi com bastante vagar que me arrastei para o seu lado.

— Por que esse medo todo?

— Mas você é um sapo?

— E daí? Sou.

— Mas você não poderia ser outra coisa?

— Uma cobra? Um jacaré?

— Eu preferia, porque as cobras são lindas e tão lisinhas. E os jacarés nadam tão elegantemente.

— Desculpe, mas não passo de um pobre e amigo sapo-cururu. Bem, se isso lhe faz mal, irei embora. Paciência. Entretanto repito: é uma pena.

Ficou tão triste e emocionado que por pouco mais o sapão rajado choraria.

Aquilo comoveu-me porque eu era tão mole que, quando via uma pessoa chorando ou sofrendo, ficava logo com os olhos cheios d'água.

— Tá certo. Mas deixe-me respirar mais forte, depois eu poderei até me sentar, porque começo a me acostumar com você.

Realmente as coisas começaram a mudar. Talvez pelo brilho manso dos seus olhos e pela atitude parada do seu corpo grotesco.

Arrisquei uma frase de simpatia. Frase essa que brotou meio gaga. Algo me aconselhava a tratá-lo por senhor.

— O senhor como se chama?

Ele sorriu. Era claro que estava admirado daquele tratamento. Mas não era à toa que se encontrava um sapo falante. Isso implicava respeito da minha parte.

— Adão — respondeu, coçando a cabeça.

— Adão de quê?

— Simplesmente Adão. Não tenho sobrenome.

A moleza me bateu por dentro novamente. Por que diabo eu teria que me emocionar até com um sapo.

— O senhor não quer usar o meu? Eu não me importo. Olhe como fica bonito: Adão de Vasconcelos.

— Obrigado, amigo. De certo modo eu vou morar tanto com você que indiretamente estarei participando do seu nome.

Ouvira bem o que falara? Morar comigo? Deus do céu, Nossa Senhora das Mangabas! Se minha mãe de criação o visse no meu quarto, daria um grito tão grande que iria esbarrar na praia de Ponta Negra. Depois chamaria a Isaura com uma vassoura e tacava Adão pela escadaria abaixo. E, como se não bastasse tudo isso, Isaura ainda tinha de pegar Adão pelas perninhas e atirá-lo da balastrada de Petrópolis.

— Adivinho tudo o que está pensando. Porém não existe esse perigo.

— Ainda bem — respirei aliviado.

— E você, como deverei tratá-lo? De Zezé?

— Por favor; Zezé não existe mais. Era um menino bobo de antigamente. Era um nome de moleque de rua... Hoje mudei muito. Sou menino polido, arrumado...

— É triste. Sobretudo triste. Talvez um dos meninos mais tristes do mundo, não?

— Eu sei.

— Você gostaria de voltar a ser Zezé?

— Nada volta na vida. De uma maneira gostaria. De outra, não. Aquele negócio de apanhar tanto e passar fome...

Retornava aquela velha dor que sempre queria me perseguir. Voltar a ser Zezé, a ter um pé de laranja-lima, perder o Portuga de novo?...

— Confesse a verdade. Não gostaria mesmo? Naquele tempo você tinha uma coisa que não sente há bastante tempo. Uma coisa pequenininha e muito boa: a ternura.

Confirmei desalentado com a cabeça.

— Nem tudo está perdido. Você ainda tem a ternura das coisas, senão não estaria conversando comigo.

Fez uma pausa e comentou com muita seriedade:

— Olhe, Zezé, eu estou aqui para isso. Vim ajudar você. Ajudar a defender-se de tudo na vida. E você não vai sofrer tanto por ser um menino muito só... e estudar piano.

Como Adão descobrira que eu estudava piano? E que era um dos maiores martírios da minha vida?

— Sei de tudo, Zezé. Por isso eu vim. Vou morar no seu coração e protegê-lo. Não acredita?

— Acredito, sim. Uma vez na vida eu já tive um passarinho dentro do peito que cantava comigo as coisas mais lindas da vida.

— E cadê ele?

— Voou. Foi embora.

— Então isso significa que você tem uma vaga para me abrigar.

Nem sabia o que pensar. Não podia garantir se sonhava ou se vivia uma maluquice. Era magrinho e tinha

o peito achatado onde as costelas faziam um reco-reco. Como ali iria caber um sapão tão gordo? Novamente ele adivinhou meus pensamentos.

— No seu coração eu ficarei pequenino, que você nem vai sentir direito.

Vendo a minha hesitação, ele explicou mais:

— Olhe, Zezé, se me aceitar com você, tudo vai ser mais fácil. Eu quero lhe ensinar uma vida nova, defendê-lo de tudo que é ruim e varrer aos poucos essa teia de tristeza que o persegue sempre. Você descobrirá que mesmo sozinho não sofrerá tanto.

— Será que precisa tanto?

— Precisa para que na vida você não seja um homem muito sozinho. Morando no seu coração um novo horizonte abrir-se-á. Logo você notará uma metamorfose em sua vida.

— O que é metamorfose?

— Uma mudança. Uma transformação.

— Sei.

Verdade é que eu sabia também que já perdera todo o medo e repugnância do sapo-cururu. Até parecia que a gente era amigo havia uns duzentos anos.

— E se eu aceitar?

— Você vai aceitar.

— E que deverei fazer?

— Você, nada. Eu, sim. Só precisará ter muita coragem e decisão para permitir que eu penetre no seu peito.

Fiquei todo arrepiado como se uma faísca elétrica me raspasse os pés.

— Pela boca?

— Não, bobo. Mesmo porque não daria passagem.

— Então como?

— Você fechará os olhos e eu me deitarei em seu peito e irei penetrando, penetrando...

— E não dói?

— Dói nada. Eu descerei sobre os seus olhos uma grande sonolência.

Lutava contra o meu medo. Chegava a sentir sobre minha pele o frio gelado da sua barriga viscosa. Adão tornou a ler os meus pensamentos.

— Me dê a mão.

Obedeci, suando frio.

— Você vai sentir que a minha também é macia.

Um milagre se dava. A mão de cururu tinha crescido do tamanho da minha e possuía um calor amigo e terno.

— Viu?

Com os dedos examinei toda a sua palma. Sentia-me perplexo.

— O senhor também estuda piano?

Deu uma risada gostosa.

— Por quê?

— Porque não tem sequer um calo na mão. Eu sou assim também, não posso subir numa árvore, machucar os dedos, nem sequer estalar as juntas. Tudo isso é proibido para não estragar os estudos de piano.

Suspirei desalentado.

— Está vendo? Você precisa de mim.

— E um dia vou deixar de estudar piano?

— Você detesta tanto assim a música?

— Não é que eu não goste. O que não gosto é de passar a vida em cima das teclas. Num sem-fim de exercícios, de escalas que não acabam mais.

Aí eu me lembrei de uma coisa.

— Sabe, seu Adão, até que eu gosto de tocar a escala cromática.

— Sei, seu Zezé.

Descobria agora que a nossa intimidade proibia que eu o tratasse de senhor...

Rimos ao mesmo tempo.

— Será que você me ajuda a deixar de estudar piano?

— Ora, Zezé. Isso não posso garantir. Talvez dê um jeito de você não continuar sofrendo muito.

— Já é alguma coisa.

Ele me olhava de baixo com certa insistência. Olhou o relógio de pulso como a me lembrar que as horas passavam.

Nem titubearia mais. Só o fato de não me chatear com o piano já me antecipara uma decisão.

— Que devo fazer?

— Abra o paletó do pijama e não tenha medo.

— Não terei.

— Agora precisa me ajudar. Jogue a ponta do lençol no chão e me puxe para cima.

Feito. Adão agora se encontrava bem perto de mim. Com a luz próxima, seus olhos adquiriam um azul de céu quando o céu fica bem azul. Já não o achava tão feio e desagradável.

— Só quero que me conte a verdade. Vai doer?

— Nada de nada.

— Mas você não vai comer o meu coração?

— Vou. Mas vai ser tão doce como se mastigasse uma nuvem.

— E se o meu pai um dia botar o raio X?

— Ninguém descobrirá. Porque com o tempo eu vou virar um coração igual em forma ao que você tinha antigamente.

— Eu quero ver tudo.

— Não prefere dormir?

— Não. Vou me encostar na parede e ficar meio reclinado para assistir.

— Então eu vou fazer que seus ouvidos escutem uma música bem bonita.

— Posso escolher?

— Pode.

— Eu queria ouvir a «Serenata», de Schubert, e «Rêverie», de Schumann.

— No piano?

— Sim.

Adão passou as mãos em meus cabelos e sorriu.

— Zezé! Zezé! Confesse que você não odeia tanto o piano.

— Às vezes eu o acho lindo.

— Vamos?

— Vamos.

A música começou a ressoar lindamente. Adão deitou-se sobre o meu peito e tudo era macio como o vento.

— Até logo.

Vi que ele encostava a boca no meu peito e começava a penetrar. Adão não mentira. Nada doía e tudo

acontecia rapidamente. Pouco mais só existiam suas patinhas desaparecendo em minha carne. Passei a mão sobre o lugar e tudo ficara lisinho. Entretanto meu coração pulsava ansiosamente. Fiquei esperando um pouco e não resisti.

— Adão, você está aí?

A voz agora vinha mais baixa.

— Estou, Zezé.

— Já comeu meu coração?

— Estou comendo. Mas não posso falar de boca cheia.

Espere um pouco.

Obedeci contando os dedos. Ia ser formidável. Ninguém poderia adivinhar que eu não tinha mais um coração comum. E sim um sapo-cururu tão amigo.

— Já?

— Pronto. Estava era gostoso. Agora você precisa dormir e amanhã será um novo dia.

Espreguicei-me todo cheio de felicidade. Puxei a coberta para aquecer meu peito e meu cururu, que batia compassadamente e sem medo algum.

Uma coisa me fez sentar de supetão na cama.

— Que foi agora, Zezé?

— É que você se esqueceu de apagar a luz. Essa é diferente.

— Eu lhe ensino. Encha bem as bochechas e sopra.

Obedeci e tudo voltou a ser escuro no meu quarto. O sono vinha fechando as minhas pálpebras pesadamente. E eu sorria.

— Adão, já dormiu?

— Não, por quê?

— Obrigado por tudo. E você pode me chamar de Zezé todo o tempo. Mesmo que eu fique homem um dia. Pode chamar que eu gosto, tá?

A resposta vinha longe, longe, quase que não se ouvia mais.

— Dorme, meu filho, dorme. Dorme que a infância é muito linda.

SEGUNDO CAPÍTULO

Paul Louis Fayolle

Dadada batera à porta do meu quarto e, como não respondia, meteu os dedos calejados na porta e abriu-a. Primeiro assustou-se com o meu gemido. Mas não o levou a sério.

— Avie, seu moço. Tá na hora do colégio. Não vai querer ficar dormindo todo o tempo.

Com o continuar dos meus gemidos, ela aproximou-se da cama e estranhou o meu amolecimento. Nunca fora daqueles meninos preguiçosos. Tinha de levantar, pronto levantava.

Dadada chegou-se mais perto da cama e espantou-se com os meus olhos congestionados. De imediato passou a mão na minha testa e resmungou preocupada:

— Vigie, meu São Francisco do Canindé, esse menino está ardendo em febre.

Fechou o paletó do meu pijama e puxou as cobertas sobre o meu corpo. Saiu rápida para procurar socorro.

A sonolência tomava conta dos meus olhos de novo. A moleza tornara-se tão grande que nem sentia os meus braços.

Minha mãe vinha reclamando da sala:

— Deve estar aprontando mais uma. Está arranjando motivo para faltar ao colégio e não estudar piano hoje.

Porém, quando passou a mão na testa, mudou de opinião. Foi logo acusando tudo. São essas amígdalas. Dormiu com a janela entreaberta e o frio da madrugada pegou-lhe uma gripe. Era só o que faltava.

Dadada já se encontrava nervosa. E tomava meu partido.

— Tadinho. O bichinho está doente. Sempre tão quietinho, tão caladinho. Vamos esperar o doutor chegar da missa.

Quando o meu pai chegou da missa nem titubeou.

— Pneumonia, e das boas.

Aí foi um corre-corre danado. Farmácia. Injeção. Comprimidos...

— Se não melhorar, precisamos aplicar ventosas.

Respondi meio fatigado:

— Não é preciso nada. Isso passa.

— Como sabe que isso passa? Que tem de passar, tem.

— Mas não é pneumonia, não.

Meu pai passou as mãos na cabeça.

— E isso agora. A gente passa a vida em cima dos livros e vem um bobinho desses ensinar o padre-nosso ao vigário.

Estava apavorado com a tal de ventosa.

— Que é ventosa?

— É uma coisa simples para fazer expectorar. Uma coisa que vai mexer com o seu sangue. Ora bolas! Você não pode entender disso.

— Como é que se faz?

— Fazendo. E não pergunte tanto que a febre piora. Ficou com pena de mim e explicou mais calmo:

— É simples. A gente coloca sobre o peito e sobre as costas. Pode ser feita até com uma xícara de café. E não tenha medo que não dói.

Uma coisa espicou-me por dentro. Será que não iria fazer mal ao cururu? Adão devia estar escutando tudo e por certo também tremia de medo.

— E essa seringa que leva horas para ferver?

Foi reclamar e a seringa apareceu pronta com remédio dentro e a ordem imediata:

— Vire a bunda pra cima.

Virei. Outra reclamação:

— Esse mofino não tem nem carne.

Minha mãe recriminou-o:

— Deixe de afobação, homem. Afinal você acaba de vir da missa e da comunhão.

Eu tive vontade de rir. Porque ele era assim mesmo. Com tudo se afobava e passava logo. Mas em vez de rir soltei um berro que foi bater nas palmas dos coqueiros da vizinhança.

— Pronto, pronto, já passou. Isso dói mesmo. Mas se dissesse que doía era pior.

O cheiro do éter me massageando as nádegas me trouxe um pouco mais de tontura.

Aí meu pai sentou-se na beira da cama e ficou me olhando. Era tão raro ele prestar-me a atenção. Tão raro olhar a sua pele corada, a barba cerrada dando uma tonalidade azul, tão raro ver os seus olhos quase negros e pequenos.

Peguei em sua mão e para surpresa minha não a retirou.

— Não é pneumonia, não.

— Então o que é?

— Foi o sapo-cururu que comeu o meu coração, e eu fiquei assim.

Ele arregalou os olhos e passou de novo a mão na minha testa.

— Está delirando de novo.

Uma voz bem fininha e baixa segredou-me. Era Adão:

— Seu bobo, você não vê que gente grande não compreende nada? Que mesmo que você diga a maior verdade do mundo de nada adianta?

— Desculpe, Adão.

Meu pai se admirou:

— Desculpe o quê?

— Não é nada, nada mesmo. Devo estar sonhando.

— Você está é gira. Fica falando que um sapo-cururu engoliu o seu coração e me chama de Adão.

la levantar-se. Segurei quase sem forçar a sua mão contra o lençol.

— Eu vou morrer?

— Que bobagem. Isso passa logo. Ao meio-dia, se não melhorar, aí, sim, aplico as ventosas.

— E o colégio?

— Nada de se mexer. Tem é de ficar quietinho. Nada de aula, nem de piano. Até se curar. Pelo menos por uma semana.

Saiu e fiquei sozinho. Sozinho não, porque Adão deu mostras de sua presença.

— Zezé, Zezé, você precisa tomar mais cuidado; não pode contar o nosso segredo pra ninguém.

— E não conto mesmo. Só tentei contar porque fiquei com medo que as ventosas fizessem mal a você.

— Está certo. Mas todo cuidado é pouco.

Estava me dando sono de novo. Tinham-me trazido café com leite, mas eu engolira tudo enjoando. Melhor era ficar parado como se nada existisse.

— Adão!

— O que é? Não fique me chamando à toa. Você ouviu bem o que seu pai falou. Tem que descansar. Porque quando ficar bom, não se esqueça que vamos começar uma nova vida juntos.

— Só quero lhe dizer uma coisa. Tem uma pessoa que eu preciso contar. E você vai gostar muito dela. É o Irmão Feliciano, no colégio. Ele é tão bonzinho, tão amigo.

— E ele vai entender?

— Sem dúvida. Ele entende tudo o que faço.

— Então veremos. Agora, cale-se.

— Só uma coisinha mais. Será que a gente não podia combinar de falar sem falar?

— No pensamento?

— Sim. Assim a gente não se cansava e ninguém descobria.

— É uma solução. Então pense uma coisa para ver se dá certo.

Pensei: vou passar uma semana sem estudar piano e sem ir ao colégio.

Adão deu uma risada gostosa que até balançou o meu peito. Respondeu-me de imediato, no pensamento:

— Malandrinho. Agora veja se dorme.

Fechei os olhos satisfeito. Dera certo. Ninguém poderia mais descobrir o nosso segredo. Tudo ia de bom para melhor em nossa amizade. Achara um amigo, ia ter uma semana de folga e ansiava por saber de que forma minha vida iria melhorar.

* * *

Entrei no colégio, subindo a escadinha resoluto. Não tinha mais nada de doença.

Queria mostrar a Adão todos os cantos por que passava minha vida.

— Viu, Adão? Logo você vai conhecer Irmão Feliciano. Entrei na sala da diretoria carregando a minha pasta de livros, que por sinal era muito pesada para o meu tamanho e para a minha magreza.

Por trás da secretária alta vi a cabeça avermelhada do Irmão Feliciano.

Ele na certa estava com a cabeça baixa e escrevendo, escrevendo sempre, porque como assistente do diretor ele vivia escrevendo.

Acheguei-me do lado e esperei que ele me notasse. E, como demorava, não resisti:

— Paul Louis Fayolle.

Soltou tudo como se fosse movido por uma corrente elétrica. Jogou os óculos bruscamente sobre a mesa. Seu rosto iluminou-se como se fosse um sol enorme.

— Chuch!

Sentia saudades do modo como ele me tratava. Chuch. Não sabia o que queria dizer e nunca perguntara o que significava. Era um nome, uma invenção, uma coisa cheia de ternura que o Irmão Feliciano criara para mim. Só ele me tratava assim.

Ficou um segundo me olhando contente e depois abriu os braços para me abraçar. Mesmo depois, quando me sentei na cadeira ao seu lado, ele continuou a olhar-me, a analisar-me todo.

— Então, você voltou, Chuch?

— Voltei, sim. Já não aguentava mais ficar em casa.

Estava feliz perto de alguém que nunca me faria mal ou deixaria que me maltratassem. Fora ele o primeiro irmão a descobrir a solidão da minha alma. A tristeza do menino incompreendido cujos olhos só despejavam tristeza e ausência. Ele sabia da minha luta de onze anos. A história de um menino pobre dado para ser criado por um padrinho rico e sem filhos. A mudança repentina de um menino de rua, dono do sol, da liberdade e das arteirices, preso a um vínculo de uma família nova, irremediavelmente perdido, ignorado e esquecido. Quantas vezes Fayolle não se interessara pelos meus menores problemas. Quantas vezes não enxugara minhas lágrimas, não me consolara, mostrando que era impossível retornar para a minha rua tão longe, ao meu subúrbio distante. Ele, sim, o primeiro a me descobrir e a me proteger.

Só os outros irmãos maristas sabiam-no chamar-se Paul Louis Fayolle. Eu descobrira o segredo. Podia chamá-lo de Fayolle e você quando estávamos a sós. Na frente dos outros meninos ele voltava a ser Irmão Feliciano e senhor.

— Conte tudo. Você está mais magrinho, Chuch.

Sorriu e, antes que eu começasse, ele se lembrou de uma coisa.

— Telefonei sempre para sua casa para saber da sua saúde. Soube?

Confirmei com a cabeça.

— Fiquei preocupado, meu filho. Mas agora tudo passou e eu já dei ordem na sala de refeitório dos irmãos; você no recreio das duas, depois da aula de religião, vai comer um pedaço de doce que eu deixarei todos os dias. É só falar com o Manuel, que ele está avisado.

— Obrigado.

Olhou o relógio de pulso e viu que dava tempo.

— Dá tempo, sim, Fayolle. Eu vim mais cedo no carro dele. Ele foi receitar no hospício.

— Então conte.

Não estava nem com vontade de contar da minha doença. Dor passou, não tem mais que ter interesse. O ponto alto era o da existência de Adão. Nem sabia como começar.

— Você promete que não vai rir de mim nem pensar que eu sou o maluco do pão?

Fayolle fez um ar muito sério de espera. Conte tudo e fiquei olhando bem dentro dos seus olhos. Temia descobrir alguma sombra de dúvida ou de zombaria. Não havia nada nos seus olhos castanhos e bons que demonstrasse isso. Fiquei mais calmo.

— Então, Chuch, você tem um sapo-cururu em forma de coração?

Fiquei um pouco aturdido. Não pensara até aquele momento se o coração tinha forma de sapo ou era o contrário.

— Devo ter. Isso é bom. Ele vai me ajudar muito.

Porém resolvi não contar por enquanto que o sapo se chamava Adão. Podia ser que Adão não gostasse.

— Então você acredita, Fayolle?

— Claro que acredito. Na vida a gente acredita em tantas coisas. É sempre bom esperar por um momento bom no coração.

Sentia que Fayolle estava meio confuso e não queria me decepcionar, e de repente veio um raciocínio maluco daqueles que me surgiam continuamente:

— Eu acho que não é nada de mais a gente acreditar ter um sapo no coração. Pelo menos eu vi o que aconteceu comigo. Porque a gente também não acredita que na hóstia tem o corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Fayolle me olhou com a maior doçura e sorriu.

— Pois então, Chuch, eu não estou desacreditando nada do que disse. Você mesmo não me contou uma vez que quando era pequerrucho tinha um passarinho que cantava dentro do peito?

— Conte, sim.

— Pois então, eu só espero que o seu sapo lhe ensine tudo de bom, que conserve o seu coração sempre honesto.

Calou-se e ficou sorrindo a fitar-me longamente. Depois olhou o relógio de pulso e trouxe-me à realidade.

— Está quase na hora, Chuch. Já, já, a sineta vai tocar.

Levantei-me. Fayolle ainda comentou:

— Depois a gente conversa mais.

Fui-me encaminhando para a porta. Vírei-me para acenar-lhe um adeus e ele rolava os óculos entre os dedos esperando que eu sumisse no corredor.

Pensei para Adão:

— Que tal? Gostou dele?

— Muito. Esse é amigo até debaixo d'água.

O sol iluminava todo o corredor, e o céu azul parecia retalhado pelas paredes. Será que Adão não sentia falta da liberdade antiga, do sol, da chuva, do canto das cigarras, do ruído dos meninos soltando papagaio, do barulho dos piões rodopiando na rua?

— Nem um pouco.

Fiquei admirado e comentei:

— Você é um danado. Mas quero ver se você aguenta oito horas de aula aqui. E três de piano lá em casa.

— Zezé querido. Cada pessoa no mundo tem o seu destino. Eu, quando vim, já sabia de tudo.

TERCEIRO CAPÍTULO

Maurice

— É, Joãozinho, acabou-se a moleza. Vamos à luta.

Nem precisava apresentar Joãozinho ao meu sapo-cururu. Talvez fosse a coisa mais conhecida dele.

Abri a cortina da sala para que a luz do dia, para que o sol maravilhoso viesse encher de vida todos os seus cantos. Como sempre, surgia aquele desalento de começar. Depois esquentava e ia em frente. Antes de abrir a tampa do piano olhei a cabeça da negra. Uma negra de terracota que minha avó ganhara de Paris quando fez quinze anos. Segundo meu pai, aquela figura de turbante branco e olhos tristes seria um dia minha herança. Tratava-a com muito respeito e achava que a negra Bárbara até que gostava das minhas músicas quando tudo saía certo. Mas dessa vez recomendei:

— É melhor, Dona Bárbara, a senhora baixar o turbante até os ouvidos porque estou sem estudar há uma semana e os dedos estão enferrujados.

Aí abri a tampa de Joãozinho e tirei com calma o pano verde bordado com uma pauta cheia de notas amarelas. Joãozinho mostrou todos os seus dentes branquíssimos. Todo seu mundo de notas, de sustenidos e bemóis. Eu não compreendia nunca por que ter sustenido e bemol. Bastava um. Ou sustenido ou bemol. Desde que um lá sustenido era um si bemol, pra que tanta confusão? Na realidade o sustenido era muito mais simpático porque parecia um bando de gaiolinhas penduradas. Gostava do cheiro sempre novo que o meu piano guardava na alma. Nunca na vida poderia esquecer aquele odor. Já me preparava para sentar os dedos no piano quando um raio largo de sol veio dançar assanhado sobre o rosto da negra Bárbara. Como o sol se tornava lindo quando a gente tinha saúde. Nessa hora, lá muito longe, Totoca estaria indo para a escola Martins Júnior. A garotada toda. As cigarras deveriam estar cantando o verão nos espinheiros. Godoia estaria varrendo a sala, arrumando o quarto, preparando a cozinha. E eu ali, encerrado numa sala só vendo um fio de sol. Já ia ficando com os olhos cheios de lágrimas quando ouvi a voz de Adão:

— Esquece, Zezé, não adianta mesmo. Aos poucos você vai esquecendo, esquecendo e, quando se lembrar, tudo estará tão distante que você nem vai sofrer.

Voltei à realidade. Primeiro passei os dedos levemente pelas teclas. Eu gostava de Joãozinho. Ele não tinha culpa de nada. Nunca me admoestava se errasse. Sempre me obedecia. Se ele falhava, a culpa me pertencia.

Um batido de pé no teto indicava que minha mãe estava estranhando a minha demora. Dois era para recomençar tudo de novo. Três era alarme geral. Se não me concentrasse, ela descia para verificar a razão. Poucas vezes, no começo, as três batidas apareceram. Convencime de que era melhor fazer tudo benfeito porque passava mais depressa e não haveria «temporal».

E a vida era aquela. Antes do café, meia hora de piano. Depois do café, mais vinte minutos até chegar a hora da saída para o colégio. Na hora do almoço, quarenta minutos até almoçar e voltar ao colégio. Fazia meus estudos quase sempre nos Vigiados e voltava para casa às cinco e meia. Um banho, uma roupa limpinha e mais um pouco de piano para esperar o jantar. Jantava e tinha meia hora para brincar. Mas brincar com quem? Não tinha amigos. Ninguém gostava, lá em casa, que me aparecesse um amigo. Eu até ficava nervoso com medo que isso acontecesse. Fazia festa para o cachorrinho Tulu, que era todo aleijado por causa de um atropelamento. Até que o bichinho me adorava. Geralmente sentava-me no degrau da escada dos fundos que dava para o sítio da Capitania dos Portos. Podíamos ver o Rio Potengi antes que anoitcesse. Os barcos deslizando lentos com os restos do sol iluminando de ouro as velas pandas e brancas. Agora seria melhor porque ficaríamos os três sonhando: Tulu, Adão e eu.

— Um dia nós vamos fugir num barco para o alto-mar, não vamos, Adão?

— Ora se vamos.

Tulu, ouvindo minha voz, abanava a cauda.

— Eu levo você, Tulu. Podemos levar o pobrezinho, não podemos, Adão?

— Nem se fala.

Aquela era a meia hora mais rápida do mundo. Vinha a voz de minha mãe:

— Pronto, já brincou muito. Está na hora.

Entrava, lavava as mãos olhando meus dedos esguios como se os odiasse. Dirigia-me para a sala e abria a tampa de Joãozinho.

Relia a sua marca todas as vezes que assim procedia. Era um piano Ronish. As primeiras notas batiam com irritação e ficavam resmungando Ronish-Ronish-Ronish. Depois perdia-me no mundo de Coupé Czerny e tome escalas e exercícios até a hora de dormir.

Aos domingos, para aproveitar o tempo que não ia às aulas, estudava quase a manhã toda. Primeiro as lições, depois um pouco de piano para variar. Raros os domingos que meu pai resolvia ir à praia. Aí sim, um mundo de encantamento se realizava. Já nadava como um peixinho. E até nisso aparecia a minha condenação.

— Não nega que tem sangue de bugre. Não pode negar que é Pinagé.

Nem ligava mais, tinha que esticar os vinte minutos do banho de mar. Porque a praia era um amontoado de observações. Cuidado com o sol. Não demorem muito por causa da garganta dele. Se ficar com dor de garganta, vai estudar o piano nem que tenha cem graus de febre.

Depois do almoço era pedida a minha caderneta de notas. Tudo se encontrava em ordem: boas notas. Vinha o exame maior: «Você se confessou e comungou?» «Sim.»

Rememoravam os dias da semana para ver se eu não devia nada, se não fizera nenhuma malcriação. Dava para ir.

Vestia-me todo bonitinho para a sessão das duas. Na saída vinham as ordens: «Bote o boné de couro. Tem quinze minutos para sair do cinema e chegar aqui.» Se atrasasse cinco minutos já tinha gente no portão para me esperar. «Vá ao Cine Carlos Gomes. Está passando um filme de Jackie Cooper: *As Aventuras de Skippy*. Depois tem de me contar o resumo do filme.»

Saí desnortado. Dava tempo de passar no Cinema Royal para ver os quadros. Felizmente tinham desistido da ideia do bom-dia. Eu já perdera dois cinemas aos domingos, porque me negava a dar bom-dia ou boa-noite. Claro que tinha minhas razões. Eles não eram meus pais. Eu fui levado com menos idade e não sabia escolher. Tudo e tudo era motivo para me castigar. Sempre me faziam sentir que não era filho. Pior ainda, a tudo eu justificava amargamente: fazem assim comigo porque não sou filho. Queriam me fazer perfeito não sei para quê.

Caminhava quase indiferente.

— Sabe, Adão, o que ele fez comigo? Não, você ainda não morava nem pensava comigo. Pois bem. Você já viu que eu sou o mais novo e menor aluno da minha turma, não viu?

Adão concordava e escutava atento.

— Pois bem. Quando começou o ano e eu entrei para o primeiro ano ginásial, fiquei todo contente e orgulhoso. Deram-me uma lista de livros e cadernos que não tinha mais fim. Somava tudo vinte e cinco mil réis. Fui correndo ao consultório do meu pai para mostrar a lista

e pedir dinheiro. Você sabia que o primeiro ano ginasial é o que tem mais matérias, Adão?

— Ora, Zezé, em matéria de estudos eu não entendo é nada. Só tenho mesmo é prática de vida.

— Desculpe, sim?

— Está bem, mas continue.

— Subi a escada do consultório e fiquei sentadinho esperando que ele desocupasse e abrisse a porta. Nem demorou muito, mas estava tão aflito que pareceu uma semana. Ele abriu, fez um sinal para esperar. Fora atender o telefone e marcar alguma consulta. Chamou-me. Fez-me sentar e abriu a nota dos livros. Somou tudo devagar, retirou os óculos e me fitou secamente.

— Você não vale o preço desses livros. Está bem. Em casa lhe dou o dinheiro.

Adão se impacientou. Queria saber o fim. Mas eu me detivera porque bobamente me encontrava com os olhos molhados em plena rua.

— E o que foi que você fez, Zezé?

Continuava engolindo a minha emoção em pedaços...

— Fale, Zezé, não fique assim. Estou aqui para ajudá-lo. O que foi que aconteceu, Zezé?

— Bem. Eu morri. Saí dali com a lista na mão como se todos os livros pesassem como moedas enormes. Veio então aquele pensamento:

— Se eu fosse filho, ele não falava assim.

— Não se incomode, Zezé. Vamos esquecer tudo. Vamos ao cinema. Você tem duas horas de liberdade.

Parei para olhar os cartazes. *Uma Lição de Amor*. Maurice Chevalier e Helen Twelvetrees. Uma tentação.

Nunca vira aquele artista de chapéu de palha. O preço era o mesmo. O tal do *Skippy*, meu amigo de classe Tarcísio Medeiros já vira numa sessão noturna. Tinha até me contado a história e eu poderia repeti-la em casa. Portanto... A indecisão paralisava minhas pernas. Mas Adão surgiu em meu socorro:

— Entre, Zezé.

— Mas se descobrirem?

— Por que haverão de descobrir?

Não me resolvia. Mandava o bom-senso que Adão me aconselhasse o contrário. Possivelmente se encontrava irritado com a história que lhe contara e queria me dar uma compensação.

Comprei o ingresso com a maior naturalidade. Ninguém se importava se o filme servia ou não para as crianças. Se não servisse, não deviam passá-lo na matinê. Fui para um lado bem escondido, retirei o meu boné e esperei a sessão começar. Felizmente não vimos ninguém conhecido.

* * *

De noite, no jantar, contrariando o costume, ninguém perguntou nada do cinema. Acreditavam piamente que eu não desobedecera. Que não arriscaria a perder um mês de cinema se contrariasse as ordens recebidas.

Naquela noite, antes de dormir, fui para o Joãozinho sem que ninguém me dissesse nada. Estudei com o maior prazer. Tocava com os dedos do sonho. Estava tão magnetizado que minha mãe estranhou:

— Você já passou da hora. Que é que deu hoje? Vamos, chega. Amanhã você continua.

Sentia que ela estava muito satisfeita. Mas não tanto quanto eu. Vesti o meu pijama, fui escovar os dentes. Resolvi até economizar nas minhas orações. Em vez do terço costumeiro, rezei só três ave-marias. Uma noite só não importava, a gente já rezava tanto no colégio que fazia calos na boca. O que eu queria mesmo era conversar com Adão. Conversar com ele e com o meu travesseiro, que era cúmplice também de todo o meu sonhar.

— Você acha que o diabo vai me aparecer porque não rezei o terço inteiro?

— Bobagem, Zezé. Não existe diabo. Nunca existiu. As pessoas más é que inventam essas histórias para assustar os outros.

— Mas é só do que eu tenho medo.

— Mas por quê? Eu estando com você não tem que ter medo de nada. Nem de alma, nem de bruxa, nem de besteira nenhuma.

— Isso porque você é corajoso. Eu não posso esquecer as aulas de religião. Botam o diabo em tudo. Só Fayolle fala diferente.

— Então? Acredite nele que é melhor.

Estava me lembrando de uma coisa.

— Você já viu o Padre Monte?

— Aquele magrinho de óculos?

— Sim. O confessor do colégio. Pois você nem sabe como é bom a gente se confessar com ele. Parece que nem escuta o que a gente fala. Vai logo dando três pequenas ave-marias e perdando. Um santo.

Fiz uma pausa.

— E daí?

— Daí. Uma vez eu fui me confessar e não sabia que o Padre Monte tinha ido a Recife e ficou duas semanas por lá. Pois quando entrei no confessionário é que notei a diferença. Era um padre grandão, com o nariz pingoso e as orelhas de abano. O danado me perguntou cada coisa que eu fiquei gelado. Nem gosto de lembrar. Me passou um carão danado e me deu três terços de penitência.

— Mas que pecado tão grande uma criança como você pode ter?

— Ora, Adão. Pecado, pecado. Pecado que todo menino tem. Só que a gente tinha que se lembrar quantas vezes fez. Eu fiquei tão nervoso que nem sequer me lembrei. Tudo isso seria muito bom se na semana seguinte eu não fosse de novo à confissão. Sabe o que ele disse?

— Não.

— Perguntou dessa vez com aquela voz fanhosa: então, dessa vez contou? Perdi até a fala. Porque no catecismo tinham garantido que o padre, quando sai do confessionário, esquece tudo. Estava assombrado. Pouco mais saía correndo pela igreja afora sem acabar a confissão. Mas aguentei firme. Tinha que comungar no domingo para não perder a oportunidade de ir à praia ou ao cinema. Criei voz e contei tudo. No final o padre estava furioso, dizendo que nem sequer tentara melhorar. Que um menino assim estava condenado ao inferno. E se eu levasse um tiro e morresse em pecado mortal? Iria direto para o inferno. Satanás estaria me esperando com um garfão para me jogar nas brasas eternas. Fiquei zozzo. Apavorado. E por fim ele me receitou como castigo três rosários de penitência. Sabe lá o que é isso, Adão? Nove

terços. E eu teria que rezar num dia para poder comungar no dia seguinte.

— E depois?

— Depois felizmente o Padre Monte voltou e tudo ficou como antes: a gente pagando os pecados baratinho. Mas a verdade é que eu passei noites horríveis. Ficava dormindo de luz acesa e, qualquer barulho que acontecia, tremia da cabeça aos pés pensando que Satanás mexia o garfão.

— De hoje em diante não tem mais disso. Estou aqui.

— É mesmo.

Suspendi os braços no travesseiro e suspirei.

— Que foi agora, Zezé?

— Nada. É que estava doído para vir dormir e conversar outro assunto e acabamos perdendo um tempo enorme e não tocamos no que interessava. E agora tenho que dormir para levantar-me às seis horas.

— Então, se é assunto comprido, vamos deixar para amanhã. Certo?

— Certo.

Bocejei compridamente.

— Adão!

— Diga.

— Desde que você veio morar comigo que eu estou achando a vida melhor.

— Isso não é bom?

— Se é. Mas eu fico pensando muitas vezes.

— No quê?

— Você não vai morrer, vai?

— Não, eu não morro. Nunca morro.

Meus olhos começavam a se fechar.

— Será que um dia você vai embora?

— Isso pode ser. Mas somente quando souber que você não vai precisar mais de mim. Vamos dormir?

— Só mais uma perguntinha. Você gostou?

— De quê? Da história do padre?

— Não. Estou falando do cinema. Dele.

— O artista? O tal do Maurice Chevalier?

— Claro. Só que se pronuncia Morice e não se diz o erre do final de Chevalier.

— Você sabe que eu não entendo de estudos, quanto mais de francês.

— Isso não importa. Só estava ensinando. Sabe de uma coisa, Adão?

— O que é agora?

— Descobri uma maravilha. Nem vou falar, seria felicidade demais.

— Conte assim mesmo.

— Será que ele pode virar meu pai?

Adão deu um salto dentro do meu peito e jogou o sono pra longe.

— Pai?

— Sim, pai. Meu pai.

Ele nem podia falar de espanto e, quando conseguiu, sua voz estava cheia de prudência:

— Olhe, Zezé, você teve um pai. Depois, como me contou, procurou outro que era um português. Depois foi dado para esse pai de criação. Que é que você quer mais?

— Desses todos só o português parecia pai. Mas morreu bem cedo e eu nem tinha seis anos. Agora eu queria

um pai alinhado assim como Maurice. Um pai alegre que parece que tudo na vida é lindo para ele.

— Em resumo, um pai de sonho.

— Você me ajuda?

— Ajudar em quê?

— Você não disse que me queria ver feliz? Que veio morar comigo para criar um mundo de esperanças e outras coisas? Pois bem. Aí está. É o momento de me ajudar. Ajudar a ter um pai de sonhos. Entendeu?

— Sei bem o que você diz. Mas para sapo essa história é muito estranha.

— Você nunca teve um pai?

— Que tive, tive. Mas sapo é diferente. A gente nasce numa porção de ovinhos juntados por uma linha. Quando chega o tempo, a gente vira um pequeno peixinho negro com um rabinho. E passa a vida nadando pra lá e pra cá, em bando. Depois a gente vai crescendo e o rabinho cai. A gente sai da água e vai cada qual para seu canto. Até ficar grande e viver comendo mosquito e bichinho. Ou então obedecer a uma ordem maior, como aconteceu a minha vinda para você.

Nessa altura o meu próprio sono tinha ido pro bebeléu.

— Você nunca encontrou um seu irmão?

— Sim, mas foi só de passagem. Ele estava indo viver lá para as selvas de Goiás. Queria viver perto de um rio grande. Se não me engano, num grande rio chamado Araguaia. Parecíamos estranhos. Desejei-lhe boa viagem e ele partiu. Mas vamos dormir. Apague a luz. Senão daqui a pouco alguém vem ver o que há. E a carraspana vai ser grande.

— Tá bem.

Apaguei a luz e ajeitei o travesseiro. Falei a última coisa daquela noite:

— Mas você vai ajudar, não vai, Adão?

— Durma, Zezé. Você tem cada coisa...

Esta é a continuação do muito aclamado
O Meu Pé de Laranja Lima, a obra autobiográfica
de José Mauro de Vasconcelos.

Neste livro vamos reencontrar Zezé, o menino com
um coração do tamanho do mundo, e que, por isso,
sofre demais. Agora com dez anos, ele vive com
os pais adotivos em Natal, no nordeste brasileiro.
Zezé estuda num colégio católico mas continua a viver
no seu mundo de fantasia, onde tem por companhia
um sapo imaginário a que chama Adão e com o qual
dialoga e desabafa. Nos seus sonhos, Zezé vai criar
a imagem ideal de um pai, que lhe surge na figura
de um famoso ator de cinema. É pelo seu pai
imaginário que Zezé se sentirá amado como
um filho de verdade, como nunca antes se sentira.

Uma história de amadurecimento, da passagem
da infância para a adolescência, contada
com a mais pura sensibilidade por José Mauro
de Vasconcelos, vencedor do Prémio
Jabuti de Romance, o mais importante
prémio literário brasileiro.



Vê o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt

booksmile
livros que saltam à vista

100% online

ISBN 978-989-8491-87-9

11+



9 789898 491879

Literatura Juvenil